

O MAL PERTO DO CORAÇÃO

Ricardo de Souza Cruz (Mestrando em Teoria Literária)

1. INTRODUÇÃO

*É o diabo que nos move e até nos manuseia!
Em tudo o que repugna uma jóia encontramos;
Dia após dia, para o Inferno caminhamos,
Sem medo algum, dentro da treva que nauseia.*

(Charles Baudelaire)

Guerra, morte e crime são elementos comumente associados ao mal. Quando pensamos neles, estamos, na verdade, perscrutando a condição dos homens e o rumo do amor. Buscando entender o porquê de sermos capazes de cometer atos altruístas, como o extraordinário exemplo de Jesus Cristo, que morreu na tentativa de salvar a humanidade. E, também, as maiores atrocidades, como o genocídio em Auschwitz, uma das mais terríveis experiências da miséria humana.

A epígrafe acima, estrofe do poema "Ao leitor", de Baudelaire, nos dá uma pista a respeito desse manuseio do mal. Como um títere, o homem tem seu destino controlado pelas armadilhas do Diabo. Criação do próprio homem, esse anjo caído tenta nos manter na condição de perdidos. É da perdição que fugimos, e, para tanto, frequentemente nos embriagamos com a taça de licor oferecida pela fé. Em Deus buscamos a salvação. Ele, mais uma criação nossa. Deus e Diabo compõem nossa conduta moral. Representam o bem e o mal que nos habita. Aliás, se é mesmo dentro da treva que caminhamos tendo o

Diabo como guia, conforme ensina o poema de Baudelaire, por onde andar, então, Deus, e a quem conduz?

Desde o encontro de Moisés com Deus no Monte Sinai, o homem ocidental passou a inserir em seu cotidiano a crença naquele que existe mas não se deixa ver. Além de invisível, Deus era também inominável. Pronunciar seu nome poderia resultar em severas penas, como, por exemplo, "a morte por tortura do rabino Hanina bem Teradion durante as perseguições de Adriano" (BOORSTIN, p.64, 1995). O temor em encarar Sua imagem e proferir Seu nome transformou Deus em um mistério. Podemos hoje chamar por Ele, embora a questão do pronunciamento ainda seja delicada:

Em todo caso continua existindo a possibilidade do perjúrio e da blasfêmia, em que aquilo que é dito não é realmente entendido e o nome de Deus é pronunciado em vão.(AGAMBEN, p.67, 2011)

Conforme lembra Agamben, existe o momento especial para invocar o nome de Deus. E, certamente, estamos também proibidos de mirá-Lo. Mas o que é temido de fato não é o Criador em si, não existe mais aqui a imagem do Deus ameaçador. O que amedronta é o pecado de ter cometido a falta. A angústia por infringir uma lei divina.

Em seu ensaio sobre "Adão e Eva", Erich Auerbach, partindo de um trecho da peça *Mystère d'Adam*, datada do século XII, faz uma análise sobre o dilema do casal bíblico diante da serpente. O teórico destaca a cena em que a serpente lhes tenta com o fruto proibido. Eva prova-o primeiro, após ter oferecido a Adão, que recusa por medo. Ordena-o então a fazê-lo. Depois de comer do fruto, Eva sente-se como Deus. Diz ser o Senhor de Adão, e que este agora deve obedecê-la. Por fim, ele morde a maçã.

O ato de Adão é motivado pela iniciativa de Eva. Submete-se para não ser humilhado. Precisava mostrar-se tão corajoso quanto ela, e, por isso, cedeu a sua ordem. Logo em seguida, Adão arrepende-se do que fez. Na peça, ele tem consciência de seu pecado e de que só será salvo pelo "filho que de Maria sairá" (AUERBACH, p.137, 1994).

Mais adiante, ainda no mesmo texto, Auerbach cita as cartas de São Bernardo. Em uma delas, destinada a um jovem que vira as costas à vida mundana e decide entrar para um convento, o santo louva a escolha do rapaz e inicia um sermão, advertindo a respeito da tentação da carne. Deve-se estar sempre atento ao artil armado pelo Diabo. E ele pode estar preparando sua maldade no seio da própria família. A covardia do pai, os seios à mostra da mãe, o pedido de proteção do sobrinho menor são apelos que dificultam a escolha pela solidão da clausura.

Tanto no arrependimento de Adão, quanto na decisão tomada pelo jovem da carta privilegia-se um pensamento que defende como escolha mais acertada submeter-se a Deus. Em ambos os casos encontramos a presença da angústia do devotado. No primeiro caso por ter pecado, no segundo por ter que vigiar-se em não pecar. Como já foi dito, o que teme de fato o cristão no ato pecaminoso, mais do que a traição a Deus, é ter servido ao Diabo. Mas ainda que negue, sabe que possui uma predisposição ao mal.

O mal é tido no Cristianismo como uma transgressão. Aquele que o porta, não é, porém, qualquer transgressor, mas um que se deva condenar. O aspecto condenável reside no fato de o mal ser um modo de saber.

Na obra clariceana promove-se, desde seu início, uma ruptura do paradigma religioso, sem descartar, porém, a figura de Deus, que, neste caso, não está morta. O

homem passa a relacionar-se com Ele de uma nova forma. Clarice Lispector inventa uma dialética na qual Deus, mal, ira e amor mostram-se mais integrados do que nunca.

2. A CONSCIÊNCIA DO MAL

"A certeza de que dou para o mal" (LISPECTOR, p.18, 1998), afirma a personagem Joana, de *Perto do coração selvagem*. O mal a habitava como um animal enjaulado, pronto para fugir ou devorar seu dono, caso tivesse chance. No entanto, acredita poder mantê-lo preso, sob controle. Empenha em fazê-lo, sobretudo na presença de Otávio. Bastava ele sair, para se sentir transformada, concentrada em si mesma. Apenas naquela condição desértica poderia exercer sua violência, libertar-se da clausura que era "o desejo de agradar" (LISPECTOR, p.19, 1998). Esta proibição eleva o sentimento de Joana à condição de pecado.

Kierkegaard, em *O desespero humano*, diz ser o pecado renovado em sua própria permanência. Para tanto, é preciso que o pecador dê continuidade ao seu pecado. Isso só poderá ocorrer se estiver presente "a falta de arrependimento após cada pecado" (KIERKEGAARD, p.261, 1979). Joana rouba um livro e não demonstra nenhum pudor em assumir seu ato. Roubou porque teve vontade. Vemos a indignação da tia pela confissão fácil, sem qualquer resistência. Até antes da tomada de consciência, a personagem "respira sem medo" (LISPECTOR, p.18, 1998). Depois que a tia lhe chama de "víbora", descobre o sofrimento, a angústia de ter pecado, provinda de uma outra consciência, "que agigantou-se e tomou o lugar do que sofria" (LISPECTOR, p.52, 1998). A personagem luta frente a essa dor, de forma contrária ao que convencionalmente se costumaria agir dentro de um código cristão. Ao invés de

permitir que a angústia a consuma até transformá-la em arrependimento, levando-lhe a uma autoproibição, esbofeteia-se na tentativa de resistir a qualquer recusa da trama dos contrários que constitui sua figura humana. Esse movimento faz com que a personagem ganhe uma potência monstruosa perante a sociedade, transformando-a em alguém "capaz de matar" (LISPECTOR, P.52, 1998).

O bem inventado pela burguesia não carrega o mal dentro dele. Pisa neste tal como um corpo faz com sua sombra. Promove um massacre contra ele. Tem o poder de estilhaçá-lo sem que haja tempo de contemplar-se em seu espelho. Esse bem passa a ser, ele próprio, um outro mal, de natureza devastadora. Um mal desumano incapaz de perscrutar-se. Um bem que não suporta olhar para si, reduzindo o homem a um radar que pretende detectar o mal.

Esta delicada questão está intimamente relacionada com a maneira como lidamos com nossos afetos. É nesse momento que percebemos o quanto este bem danoso nos contamina. O demônio persecutório atormenta aos ouvidos, fazendo-nos correr o risco do afrouxamento de um laço amoroso. Não por acaso, Joana aparece em sua fase adulta, diante do homem que ama, assombrada pela voz da tia chamando-a de víbora. O eco profético que a persegue por tantos anos tem sua confirmação numa discussão com Otávio. A paranoia persecutória acomete a personagem com extrema violência.

Nas *Minima Moralia*, obra de Adorno em que são reveladas algumas raízes do fascismo, o filósofo adverte:

O sadismo latente de todos adivinha sem erro a fraqueza latente de todos. E a fantasia persecutória é contagiosa: quando quer que se apresente, os espectadores são levados irresistivelmente a imitá-la. (ADORNO, p.103, 2008)

No caso de Joana, suas suspeitas são contra ela própria. Junta-se a Otávio, tornando-se, também, espectadora de si. Ambos desconfiam dela. Estamos diante de um complexo jogo de espelhos no qual tanto Joana quanto Otávio são ao mesmo tempo "eu" e "tu". Cada um encontra seu bárbaro interior ao reconhecer no outro o semblante do inimigo. Prisioneiros entre si, compartilham a mesma redoma de dualismo imposta pela doutrina cristã.

Agem, porém, de forma contrária dentro desta prisão. Enquanto Otávio prostra-se de joelhos e comete a covardia da entrega no ato da oração, Joana resiste à tentação para não viciar com "a morfina de que se precisa cada vez mais de maiores doses para senti-la" (LISPECTOR, p.82, 1998). Alimentam-se porém do mesmo veneno da dúvida. "Você acredita em mim?" (LISPECTOR, p.168, 1998), angustiada, pergunta ao homem, preocupando-se com a impressão que pudesse causar. A resposta afirmativa rompe o silêncio com a mesma violência da pergunta. Ao contrário do que se poderia supor, ela não se tranquiliza com a revelação. Reencontra no amante a mesma forma enigmática de antes. Desvenda a realidade de que nenhuma verdade pode emergir do solitário oceano que envolve os amantes.

O território amoroso, que mais parece individual, distante do coletivo, une-se a este último ao menos em um momento: o da separação. E se houver outro que o equivalha em importância, seria seu extremo oposto, o do primeiro encontro. No início, encontram-se sob a vigilância da sociedade. São obrigados a cumprir o destino de seres delicados em busca do amor. Pois será justamente a delicadeza que irá conter e apaziguar a violência natural dos homens, transformando-a em pacífico território amoroso. O perigo está na matéria-prima de nossos desejos, revestidos de fina película, que pode romper-se a qualquer momento, destituindo os apaixonados da aparente

amistosidade. A exposição da carne do fruto não é notada inicialmente. O gesto brusco, ao olhar dos debutantes, ganha feição de pluma. Em cada reflexo, o tapa converte-se em beijo.

"Pertence aos mecanismos da dominação proibir o conhecimento do sofrimento" (ADORNO, p.58. 2008). Este talvez seja o primeiro mandamento da cartilha dominante: aliene-se e seja feliz. Encontramos a felicidade nas prateleiras e vitrines, exibida de diversas formas nas praças dos mercados. Joana luta contra esse tipo de solução fácil. Dedicase ao enfrentamento de seus maiores fantasmas. Ao ter consciência do mal que a constitui, resiste ao dilaceramento causado pela culpa, aceitando ativamente a dor maior que permite "conhecer todos os mistérios" (LISPECTOR, p.82, 1998).

Na vida adulta, o mal em Joana deixa de ser um ato, como o do roubo do livro na infância, e transforma-se em saber, reconhecer-se como víbora. Esse saber está presente também em sua relação com Otávio. Clarice nos provoca com a ruptura dos paradigmas. Diferentemente da submissa Lídia, Otávio encontra na protagonista alguém que não almeja a piedade. É difícil para ele suportar aquela natureza. Em um de seus encontros, ela afirma que "fraternidade" e "justiça" viriam de uma decência humana inventada. Essas duas bases criadas a partir de um senso de civilização, próprias às relações sociais, são, portanto, menosprezadas por Joana. Em certos momentos, abre mão do apelo cortês, que a autora prefere chamar de "espírito". Otávio assusta-se com a natureza de pedra bruta que se revela em Joana quando tal espírito a abandona:

Se os instantes de abandono prolongavam-se e sucediam, então ele via assustado a feiura, e mais que a feiura, uma espécie de vileza e brutalidade, alguma coisa cega e inapelável dominar o corpo de Joana como numa decomposição. (LISPECTOR, p.95, 1998)

No instante em que rompem a relação, essa "feiura" torna-se ainda mais evidente. A sociedade está novamente a postos para ver o triunfo privado falido e transformado em queda pública. A descida é um tombo interminável. No romance, a plateia atenta, que observa com prazer a derrocada, é representada por uma presença sombria com a qual a personagem se depara "na noite, espiando, espiando, olhos de um cão deitado, vigilante" (LISPECTOR, p.194, 1998). Otávio deixa Joana, e ela acredita que fora feita justiça. Antes de ir embora, ele mesmo lembra-lhe: "Foi sua tia quem te chamou de víbora. Víbora, sim" (LISPECTOR, p.185, 1998). Tentara buscar na madrugada alguma coisa que não tivesse uma consciência. Conseguiu, por fim, que o cão vigia fosse embora.

O mal clariceano é nosso lado "feroz" que, ao invés de cuidarmos dele para que nos assalte com menos violência, preferimos ignorá-lo, tornando o dano causado muito maior. Nossa atração pelo bem ordenado, pela beleza falsa, nos acomete com a mesma ansiedade do amante precipitado que encontra um dia uma Albertine e não sabe como agir diante de tamanha perfeição. A pseudossingeleza das mulheres "voltadas para fora" (ADORNO, p.165, 2008) causam uma sensação de vazio semelhante a quando contemplamos um modelo de vitrine. Carne e osso encontraremos mesmo num bem não destituído do mal, que segura suas rédeas, cavalgando esse esplendoroso animal como um cavaleiro merecedor da montaria que lhe serve.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida lesada*. Tradução: Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beca do Azougue, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. *Sacramento da linguagem: arqueologia do juramento*. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

BOORSTIN, Daniel J. *Os criadores: uma história da criatividade humana*. Tradução de José J. Veiga. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1995.

GONDA, Cinda. "O insólito pacto com o instante". In: *O insólito e seu duplo*. Flávio Garcia, Marcus Alexandre Motta (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

KEHL, Maria Rita. "Delicadeza". In: *A condição humana: as aventuras do homem em tempos de mutação*. Adauto Novaes (org.). São Paulo: Agir, 2009.

KIERKEGAARD, Soren A. *O desespero humano*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Unesp, 2010.

LINS, Ronaldo Lima. *Nossa Amiga Feroz: breve história da felicidade na expressão contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.